

Os anjos de uniforme

*Estes talentosos jovens
do Coro dos Meninos Cantores
levam o encanto musical
de Viena aos admiradores
de música no mundo inteiro*

JANET GRAHAM



EM YOKOHAMA, tiveram de se fechar nos bastidores até que a polícia conseguisse livrá-los da perseguição de um grupo de admiradores japoneses. Em Budapeste, uma multidão de húngaros sentou-se no meio da rua, decidida a impedir a partida do seu ônibus. Na Praça de São Pedro, em Roma, foram aclamados pelos aplausos estrondosos de 80 mil pessoas. Qual a causa de

todo esse furor? Não é nenhum conjunto de música *pop*, mas simplesmente um grupo de cerca de duas dezenas de meninos austríacos, de olhos brilhantes, vestidos de marinheiro e possuindo vozes de pureza celestial: os *Wiener Sängerknaben* ou os Meninos Cantores de Viena.

Toscanini chamou-os de «o melhor coro de meninos de todo o mundo». Têm cantado para papas

e camponeses, reis e plebeus, capitalistas e camaradas. Com todo o encanto da juventude e o profissionalismo de músicos maduros, põem alma e coração em cada nota, sejam as melodias harmoniosas de um madrigal de Gastoldi ou os indefectíveis três tempos de uma valsa de Strauss.

Embora os cantores sejam jovens (idades entre 10 e 14 anos), o coro é antigo; foi fundado em 1498, quando o Imperador Maximiliano I de Habsburgo reuniu um grupo de oito meninos para cantarem na capela real, a *Hofburgkapelle*, no coração do palácio imperial de Viena. O Império já não existe mas o coro continua entoando cânticos na capela real quase todos os domingos, e a cerimônia é uma das atrações musicais favoritas de Viena.

Na realidade, hoje em dia existem quatro coros dos Meninos de Viena, cada um constituído por 24 membros. Dão cerca de 400 concertos anualmente (300 no exterior e 100 em Viena), e se revezam, viajando cada coro cerca de três meses por ano. Os que ficam freqüentam a escola, dão concertos em Viena, cantam na *Hofburgkapelle* e colaboram com a Ópera de Viena, sempre que é necessário um coro de meninos. Como passam parte do ano escolar viajando e não têm aulas durante as excursões, os meninos precisam de trabalhar muito a fim de se prepararem para os dois exames oficiais que todos os anos determinam seu

aproveitamento. Os resultados estão acima da média nacional.

A sede dos quatro coros é o elegante palácio de Augarten, do século XVIII, perto do coração de Viena. É uma instituição educacional sem fins lucrativos, dirigida pelo Dr. Walter Tautschnig, que já foi menino de coro na infância, e todas as despesas são pagas com os fundos ganhos nas *tournées*. Os elementos do coro não são remunerados, mas recebem alojamento e educação grátis, além de excelente educação vocal e instrumental, e fazem viagens que deliciariam o mais exigente dos turistas.

Desde 1926, quando começaram suas *tournées*, os meninos cantores de Viena vêm atuando em todos os continentes e em quase todos os países da Europa. Já apanharam cocos em Samoa, nadaram na praia de Copacabana e passearam de elefante na África. Um dos meninos mostrou-me um mapa do Norte da África com indicações dos lugares que tinha visitado — 98 ao todo. Não é de admirar que muitas mães austríacas desejem fervorosamente que um filho seu passe uns tempos emocionantes como *Sängerknabe*.

Todos os anos se inscrevem até 160 candidatos de oito anos, mas menos da metade são escolhidos pelo diretor musical do coro, o Prof. Dr. Hans Gillesberger, para um ensaio preliminar. «Peço ao menino para começar com algo que seja costume cantar em casa, talvez uma canção de Natal», diz

Gillesberger. «Repetimo-la com um ligeiro acompanhamento de piano. Conseguirá ele agüentar a melodia? Depois, digo-lhe que imagine seu melhor amigo lá fora. 'Chame-o o mais alto que puder!' Se o grito é rouco ou histérico, é mau sinal, mas se soa contínuo e límpido, então sabemos que ali se encontra um menino de coro em potencial.»

Nos dois anos seguintes, os candidatos escolhidos freqüentam o Augarten duas vezes por semana, tendo lições de canto coral e de instrumentos. Aos nove anos, uma nova audição seleciona um grupo de 40 ou 50 entre os mais talentosos e bem adaptados. Destes, 35 são finalmente admitidos num coro experimental, vivendo e estudando no Augarten. Ao fim de um ano, são declarados membros efetivos dos Meninos Cantores de Viena e recebem os uniformes (boinas com letras bordadas a ouro e os tradicionais trajes de marinheiro com o emblema nacional, em reconhecimento pelo seu papel de «jovens cantores embaixadores da Áustria»).

De pé, no palco, com ar solene, parece não haver nada que os perturbe. No entanto, quando estão à vontade em Augarten, são simples meninos travessos. Quando os visitei, no intervalo da hora do almoço, escorregavam pelos corredores palacianos de mármore como patinadores de gelo. Do lado de fora, um jovem tutor arbitrava um animado jogo de futebol

— sem dúvida, o passatempo preferido dos meninos. Cada um dos quatro coros tem sua equipe, e ser um bom centroavante é quase tão importante como ter um tom de voz perfeito. Quando um maestro vienense, cujo filho tinha estado umas semanas no Augarten, lhe perguntou o que mais o impressionara lá, a resposta foi: «Acho o canto coral bom, mas o futebol é formidável.» Em *tournee*, os meninos jogam *Pfitschigoggerln*, uma versão de futebol de botão, usando moedas empurradas com pentes. «Andamos sempre com enorme quantidade de pentes», disse-me um tutor.

A magnificência barroca do Palácio de Augarten, sede do coro, faz grande contraste com as mansardas geladas do medieval Hofburg onde foram alojados os oito fundadores, no século xv.

Coros de meninos são uma tradição européia, mas o coro dos Meninos de Viena é dos poucos que têm mantido seu alto nível desde há quase 500 anos. Em 1808, um menino gorducho de 11 anos, chamado Franz Schubert, entrou para o coro e chegou a ser um de seus solistas mais admiráveis.

Nos grandes dias do Império Austro-húngaro, os meninos se achavam sob a proteção pessoal do Imperador Francisco José, o qual financiava a compra de seus uniformes da Corte Imperial, debruados a ouro e acompanhados de uma espada. Depois da queda do Império, em 1918, os fundos aca-

baram e o coro foi dissolvido. Em 1921, um sacerdote, o Padre Josef Schnitt, foi designado reitor da antiga Capela Imperial. Desolado com o declínio musical da capela, resolveu fazer ressurgir o coro dos meninos. Com dinheiro de uma herança, organizou um grupo coral de 14 garotos, pagando-lhes ele próprio a hospedagem.

Até 1925, estes foram simples meninos do coro da capela, sem pensarem em se tornar concertistas profissionais. Aconteceu que, nesse ano, o Padre Schnitt viu uma apresentação de *Bastien und Bastienne*, ópera em um ato, de Mozart, e achou que ela seria uma produção ideal para seus meninos; colaboraram nela por ocasião da *Fasching* (Terça-feira Gorda) com uma aclamação entusiástica do público de Viena. O sucesso tornou-se conhecido e, em 1926, Schnitt e seus pequenos cantores foram convidados a dar concertos na Suíça e na Alemanha, onde interpretaram obras religiosas e profanas e óperas; receberam aclamações estrondosas. Começou então a série de viagens que, há 50 anos, vem levando o coro a vários países, dos Estados Unidos a Formosa.

Tanto em Augarten como em *tournée*, cada coro é uma família, com seu dormitório, seu maestro, sua ama e seu tutor. O maestro (muitas vezes um ex-cantor do coro) dirige os exercícios de voz. A ama vela pela saúde e higiene gerais, assim como cuida dos uni-

formes e do guarda-roupa; também trata da caracterização dos meninos para os espetáculos de ópera. Cada um dos tutores age como educador, conselheiro e amigo para com os que estão a seu cargo e é ele quem cuida dos pormenores práticos das *tournées*.

Os meninos não se importam de passar longas horas viajando, de sofrer bruscas alterações de clima ou de mudar constantemente de alimentação em suas viagens. À solta, na grande agitação de alguma cidade nova, eles ardem de curiosidade de ver tudo, tiram centenas de fotografias e gastam seu dinheiro em pequenas compras. Um dos meninos voltou de umas compras pelas lojas de Nova York com uma partitura coral e orquestral enorme do *Elias*, de Mendelssohn. «Por que é que você escolheu isso?» perguntou-lhe o tutor. «Foi a maior quantidade de música que arranjei por este dinheiro», respondeu o menino, orgulhoso de sua compra.

Por tradição, todos os solistas do coro figuram anônimos no programa. Não há estrelas e, se algum deles mostrar sinais de vaidade, o maestro pode substituí-lo por outro. (Há alguns anos, um solista gabava-se constantemente: «Que fariam sem mim na *tournée*?» Embora possuísse uma voz excelente e o coro estivesse de partida para o Oriente, a presunçosa «prima-dona» simplesmente não embarcou.) Geralmente, um solista tem 12 ou 13 anos, e sua voz

possui uma beleza efêmera. Daí a seis meses, essa voz mudará e os dias do jovem como menino do coro chegarão ao fim. «É a carreira mais curta de que me lembro», disse-me tristemente um antigo menino de coro.

Apesar disso, esses ex-cantores são encorajados a continuarem os estudos musicais ao mesmo tempo que os estudos gerais. Hans resolveu tocar fagote; Ludwig se dedicou à viola bastarda. Até deixarem a escola, são mantidos pelos proventos das idas ao estrangeiro de seus antigos companheiros; afetuosamente, são conhecidos como «pensionistas velhos».

Muitos dos antigos meninos do coro seguem carreiras profissionais que estariam fora de seu alcance se não fosse a excelente educação musical adquirida no coro. Hoje, cada um dos coros de Viena tem como diretor um ex-menino do coro, e oito músicos da Orquestra Filarmônica de Viena foram meninos cantores. Outros graduados de Augarten mantêm seu amor de juventude pelas visitas rápidas a lugares distantes e viajam pelo mundo como homens

de negócios, profissionais ou cantores. Dos anteriores 1.200 meninos de coro, uns 300 vivem no estrangeiro, enriquecendo a vida musical do mundo, de Minnesota a Berlim, de Sydney a Tóquio.

Em outubro de 1975, tomei meu lugar num apinhado salão da prefeitura de Kingston sobre o Hull, grande porto industrial da Inglaterra. Ouviu-se um murmúrio de admiração quando os meninos desfilaram no palco e se colocaram em duas fileiras, uma de cada lado do piano. Houve um momento de silêncio, uma profunda inspiração e, então, 24 pares de sobranceiras se arquearam quando os meninos romperam a cantar. Já no final do concerto, todos nós marcávamos com o pé o compasso ligeiro das valsas vieneses. Assim que as últimas notas bem timbradas se extinguíram e os meninos sorriram, agradecendo e fazendo vênias, uma senhora a meu lado enxugou os olhos. «Isto nos faz voltar a acreditar em anjos», comentou para mim.

Recordei-me de suas endiabradas travessuras em Augarten e repliquei: «Quase anjos!»



QUANDO eu lecionava composição para uma turma de calouros em minha universidade, estava sempre à procura de tópicos interessantes que pudessem inspirá-los. Um dia, para fazerem um trabalho em aula, pedi a meus alunos que respondessem à pergunta: «Que pensa sobre o sexo no cinema?» Um dos estudantes pensou circunspectamente durante uns 20 segundos, rabiscou algo no papel e o entregou. A única frase de seu ensaio dizia: «Penso que é muito legal, desde que a cadeira não seja daquelas que dobram facilmente.»